

EDUCAÇÃO PARA O PATRIMÔNIO: MEDIAÇÃO CULTURAL NA PERSPECTIVA DOS MUSEUS E BIBLIOTECAS: UMA EXPERIÊNCIA INTERSISCIPLINAR NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

GT1 - Aspectos Constituintes da Ciência da Informação no Brasil

Anita Helena Vieira de Souza¹

Valdir Rodrigues dos Santos²

RESUMO

O presente artigo apresenta os pressupostos constitutivos da interdisciplinaridade na Ciência da informação através da mediação cultural realizada por profissionais das áreas de Biblioteconomia e Museologia, focados, sobretudo, na ideia de patrimônio e educação em bibliotecas e museus. Apresenta a importância da mediação realizada nesses espaços assim como, a preservação do patrimônio cultural através de seus acervos, além da valorização de práticas que ressaltem o valor da educação para o patrimônio, faz uma análise da responsabilidade dos profissionais da informação dessas áreas para a noção de documento, de patrimônio, educação e cultura, além de ressaltar a responsabilidade dessas disciplinas para a relevância dos objetos de mediação cultural.

Palavras-chave: Interdisciplinaridade; Biblioteconomia; Museologia; Educação Patrimonial; Mediação.

¹ Discente do curso Biblioteconomia da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais, anitahvs@gmail.com

² Graduado em Biblioteconomia Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais, valdirtsantosbh30@hotmail.com

1 INTRODUÇÃO

O documento não é inócuo. É, antes de mais nada, o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, das sociedades que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio. O documento é uma coisa que fica, que dura, e o testemunho, o ensinamento (para evocar a etimologia) que ele traz devem ser em primeiro lugar analisados, desmitificando-lhe o seu significado aparente. O documento é monumento (LE GOFF).

Os objetos guardados pelo homem e presentes nos espaços das bibliotecas e museus possuem as relações de produção da sociedade que os criou. São, portanto, documentos com significados sociais.

As experiências dos sujeitos refletem as diversas possibilidades de seleção e construção de recortes e fragmentos do mundo. Esses sujeitos constroem narrativas, elaboram e criam, com base em sua sensibilidade e conseguem exteriorizar a sua existência em objetos.

O tema desse artigo perpassa pela articulação dialética entre a Biblioteconomia e a Museologia, a fim de aproximá-las nos parâmetros da interdisciplinaridade na Ciência da informação, essa aproximação se dá ao passo que, ambas apresentam dentro da perspectiva patrimonial o seu compromisso pela mediação consciente e crítica entre usuários e acervo.

As bibliotecas assim como os museus, são espaços de reflexão dos objetos que as compõem, ampliam a discussão de como os suportes de recorte do tempo são tratados, e como a memória reside nesses lugares e são por elas preservados.

Para Maurice HALBWACHS a memória individual existe a partir de uma memória coletiva, pois todas as lembranças são constituídas no interior de um grupo. Desta forma, a origem das variadas idéias, reflexões, sentimentos, paixões, das quais atribuímos a nós são, na verdade, inspiradas pelo grupo. As bibliotecas e os museus são, nesse arranjo, lugares de memória e de preservação da memória coletiva de uma nação, sendo, antes de tudo responsáveis pela preservação e disseminação dos objetos de informação.

A perspectiva dessa análise é demonstrar a importância da mediação realizada entre museus e bibliotecas para a preservação e apresentação do patrimônio cultural através dos seus objetos, assim como a valorização das práticas voltadas para a educação patrimonial.

Esses parâmetros de análise justificam-se pela existência de um acervo ou de documentos que são de alguma maneira patrimônio, sendo entendidos como produtos de construção social, e por isso devem ser tratados e difundidos de forma democrática e consciente.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Sobre a questão da educação para o patrimônio em bibliotecas e espaços museais podemos destacar uma ampla literatura, com produção expandida para as principais pesquisas publicadas sobre o assunto.

Desta forma, em uma gama de trabalhos alguns foram selecionados como referência para esse artigo, onde se destacam relativos à educação patrimonial o artigo de CARTER, Karin Kreismann: Educação patrimonial e biblioteconomia: uma interação inadiável. Apresenta a educação patrimonial na área de biblioteconomia, pontuando as formas de atuação do bibliotecário como educador patrimonial.

Quanto ao assunto mediação cultural, o arcabouço teórico fomentado nesse texto foi o artigo de Willian Eduardo de Souza e Giulia Grippa, cujo título é: A cidade como lugar de memória: mediações para a apropriação simbólica e o protagonismo cultural. Museologia e Patrimônio, do qual apresenta os fatores de mediação cultural na Ciência da informação, e as formas de articulação para a intervenção nessas áreas.

Quanto às referências usadas na análise da mediação cultural para o patrimônio em bibliotecas e museus, optou se pelos franceses LAMIZET, NORA, CHARTIER, LE GOFF, HALBWACHS, CHOAY articulando uma abrangência na história cultural, além da implementação de culturas voltadas para a mediação. Desta forma, a análise desses autores perpassa pelas nuances da História Cultural, embasados na História da leitura e da cultura e a mediação do conhecimento.

O Livro de LE GOFF, apresenta a discussão em relação à memória e ao documento assim como também o faz HALBWACHS em relação à memória coletiva e individual. NORA salienta a importância de arquivos, museus e Bibliotecas serem detentores da memória e identidade de uma nação.

Quanto a LAMIZET, sua obra contribuiu para conceituação de mediação cultural, assim como suas possibilidades de atuação.

Já a possibilidade de apresentação do patrimônio assim como, a noção de monumento veio da literatura de CHOAY.

Contudo, podemos salientar que a literatura que serviu de arcabouço teórico para esse artigo, encontra-se imbuída pelos estudos de autores franceses, respaldados pela história cultural.

Outros autores foram de extrema importância para esse trabalho, visto a relevância que os mesmos possuem dentro do campo teórico da Ciência da Informação, nesse sentido, destaca-se para a discussão da interdisciplinaridade: SARACEVIC, descrevendo a evolução

da CI, assim como sua gênese interdisciplinar, dentro desta mesma perspectiva destacam-se também WERSIG e NEVELLING, e FERNANDES, salientando que a objeto de estudo da CI sempre esteve ligado diretamente à informação.

BERGER pressupõe que a Ciência da informação é interdisciplinar, o que se faz a partir da influência mutua de diversas disciplinas.

Destaca-se como arcabouço teórico imprescindível a contribuição de ROBREDO, com a idéia de "visão sistêmica das etapas que constituem o ciclo documentário", na perspectiva interdisciplinar dos museus e bibliotecas.

2.1 Interdisciplinaridades na Ciência da Informação

A Ciência da Informação é uma Ciência pós-moderna que encontra seu objeto de estudo nos processos relativos à produção, organização, transmissão e uso da informação, utilizando-se da interdisciplinaridade vindos de áreas como: a Ciência da Computação, a Comunicação, a Psicologia, a Lingüística, a Matemática, Administração, Sociologia, História, tanto para explicar estes processos, quanto para avaliar o seu impacto nos fazeres de seus ambientes informacionais.

Para González de Gómez (1990, p.121), o que formaria o domínio da Ciência da Informação estaria incluído numa “ampla zona transdisciplinar, com dimensões físicas comunicacionais, cognitivas e sociais ou antropológicas”. Nessa perspectiva, segundo a autora, a CI teria como objeto as pragmáticas sociais de informação, a meta-informação e suas relações com os conteúdos informacionais. Esse objeto seria constituído por “um conjunto de relações tecidas entre agentes, processos e produções simbólicas e materiais”.

Segundo FERNANDES, historicamente a ciência da informação esteve empenhada em construir um objeto de estudo ligado diretamente a Informação. No entanto, a autora propõe que o objeto de estudo da CI é a gestão institucional dos saberes, ou seja, as ações executadas pelas instituições modernas e pelo fluxo do saber produzido pela sociedade e seus reflexos.

O caráter interdisciplinar da Ciência da Informação teve início, segundo Saracevic (1992) e Wersig e Nevelling (1975 apud FREIRE, 2003), já em sua gênese, uma vez que se constituiu pela contribuição de pesquisadores advindos de várias disciplinas e com diferentes formações. Sua emergência foi causada, também, por interesses dispares, devido a áreas diferentes de aplicação envolvidas no trabalho de informação (WERSIG; NEVELLING, 1975 apud FREIRE, 2003).

Ainda para Saracevic

Três são as características gerais que constituem a razão da existência e da evolução da CI; outros campos compartilham-nas. Primeira, a CI é, por natureza, interdisciplinar, embora suas relações com outras disciplinas estejam mudando. A evolução interdisciplinar está longe de ser completada. Segunda, a CI está inexoravelmente ligada à tecnologia da informação. O imperativo tecnológico determina a CI, como ocorre também em outros campos. Em sentido amplo, o imperativo tecnológico está impondo a transformação da sociedade moderna em sociedade da informação, era da informação ou sociedade pós-industrial. Terceira, a CI é, juntamente com muitas outras disciplinas, uma participante ativa e deliberada na evolução da sociedade da informação. A CI teve e tem um importante papel a desempenhar por sua forte dimensão social e humana, que ultrapassa a tecnologia. Essas três características ou razões constituem o modelo para compreensão do passado, presente e futuro da CI e dos problemas e questões que ela enfrenta. (SARACEVIC, 1992, p.42)

Pensando nesses pressupostos interdisciplinares da CI, Jaime Robredo aborda a ciência da informação como "ciência pós-moderna", vislumbrando a idéia de "visão sistêmica das etapas que constituem o ciclo documentário" direcionadas para "profissionais de informação", agregando suas diversas aplicações em bibliotecas, museus e arquivos.

Já Berger pontua que a interdisciplinaridade se forma a partir da influência mútua entre duas ou mais disciplinas e que uma coligação interdisciplinar compõe-se de pessoas que receberam formação nos diferentes domínios do conhecimento (disciplinas), tendo, cada um, conceitos, métodos, dados e temas próprios. (BERGER, 1972 apud POMBO, 1994, p. 2).

Analisando sob o ponto de vista da literatura brasileira da área, podemos destacar a definição de Japiassu e Marcondes (1991) que entendem a interdisciplinaridade como um método de pesquisa apto a gerar a interação entre duas ou mais disciplinas. Segundo os autores, essas interações podem transcender “da simples comunicação das ideias até a integração mútua dos conceitos, da epistemologia, da terminologia, da metodologia, dos procedimentos, dos dados e da organização da pesquisa” (JAPIASSU; MARCONDES, 1991, p.62).

Nesses caminhos entrecortados a Museologia e a Biblioteconomia se entrelaçam para uma intersecção na tentativa de entrecruzar pontos de encontro entre essas áreas, assim, nasce dessa avaliação os pressupostos interdisciplinares de análise que se descobrem para uma abordagem acerca do tratamento e disseminação de seus objetos documentais.

2.2 Educações patrimoniais

A terminologia patrimônio foi identificada por Françoise Choay (2001, p.11), como “estruturas familiares, econômicas e jurídicas de uma sociedade estável, enraizada no espaço e no tempo” hoje diversificado em vários sentidos, fazendo desse conceito uma estrutura "nômade", frequentemente empregado para qualificar um conjunto de bens, materiais ou não.

No decorrer da história o patrimônio foi identificado e formulado sob muitos aspectos, diz-se patrimônio cultural, arquitetônico, artísticos, etnográficos, natural dentre outros. Sabe-se que a ideia de patrimônio emergiu expressivamente na modernidade, a partir do século XVIII, com a emergência dos Estados Nacionais, de qualquer forma, o termo também se encontrou presente nos discursos da Antiguidade Clássica e Idade Média.

O chamado patrimônio cultural - tem em sua origem a idéia de monumento, do qual deriva do latim *monere* ("advertir", "lembrar"), que quer dizer, aquilo que remete lembrança de algo.

Conforme Choay (2001, p.31), o monumento, acrescido do adjetivo histórico, nasce em Roma, em 1420, configurando-se como obras arquitetônicas remanescentes de épocas passadas. Por esse motivo, desde esse tempo, o monumento histórico converte-se em um tema importante. Ao longo do tempo, foi sendo elaborado com mais abrangência o conceito de Patrimônio Cultural.

Inicia-se por uma afeição de civilizações antigas por obras do passado. A princípio, chamadas de antiguidades, e depois de monumentos, tais obras começaram a ser entendidas no sentido de patrimônio somente no momento em que se conceitua a história como uma disciplina. Esse sentido, mais tarde, desembocaria na visão de patrimônio histórico, e, nas últimas décadas do século XX, na noção mais abrangente de patrimônio cultural. (SANTIAGO:2007,p.4)

Sabe-se, portanto, que o conceito de patrimônio cultural, surge nas últimas décadas do século XX, sendo, portanto um discurso recente.

Contudo o que se precisa focar nessa análise é a necessidade de preservação do patrimônio usando a educação como um componente constitutivo de avaliação e salvaguarda da memória, acionado os benefícios educacionais para a criação de pensamento crítico a respeito da construção patrimonial assim como seu entendimento e preservação.

A preservação do patrimônio nasce da necessidade da criação de espaços que guardem a memória e ao mesmo tempo em que mantém sua salvaguarda. Esses lugares surgem pela construção humana e são mantidos pelas instituições:

Museus, arquivos, cemitérios e coleções, festas, aniversários, tratados, processos verbais, monumentos, santuários, associações [...]. Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais (NORA, 1993, p.13).

Horta (1999, p.6). Define Educação Patrimonial como “um processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no Patrimônio Cultural como fonte primária de

conhecimento e enriquecimento individual e coletivo”, nessa perspectiva a educação torna-se um poderoso instrumento no processo de reencontro do indivíduo consigo mesmo, revalorizando sua cultura e identidade, ao perceber seu entorno e a si mesmo em seu contexto cultural como um todo, transformando-se em principal agente de preservação.

Ainda segundo Horta,

o conhecimento crítico e a apropriação consciente pelas comunidades do seu patrimônio são fatores indispensáveis no processo de preservação sustentável desses bens, assim como no fortalecimento dos sentimentos de identidade e cidadania. (HORTA, 1999, p.6)

Nesse sentido, torna-se pertinente considerar as bibliotecas e museus, como lugares de formação sistemática, que os valores identitários individuais e coletivos fomentam táticas que, “lance por lance” (CERTEAU, 1994, p.100), constituem e consolidam a memória. A educação patrimonial é assim um processo de aprendizagem focado em ações para o patrimônio e para a atuação social.

2.3 A mediação cultural nos Museus e Bibliotecas

Desde o início da formação estrutural da sociedade e também através da criação de signos, a mediação já se estabelece enquanto elemento de comunicação. De acordo com C.S PEIRCE (2000, p. 52), as três expressões necessárias aos signos e à ação mediadora são “um interprete, um intercessor e um terceiro, que é proveniente de um conhecimento já estável”. O que seria para o autor o constituinte da cultura.

Desta forma, a mediação

é um processo de acompanhamento semiótico e de inter relação semiótica necessário que intervém em cada ocasião de fabricação dos signos, (...) o mediador cultural seleciona ou contribui para coelaborar os interpretantes do campo cultural de sua referência (BARBOSA, GALVÃO, 2007, p. 23)

Para a maioria das pessoas mediação remete a algo de conflito, alguma situação em que necessita de um intermediador para desfazer ou amenizar uma confusão, ou seja, qualquer coisa que precisa ser mediada, se analisarmos, sob os parâmetros da mediação para os mecanismos de aprendizado, teremos outras definições que irão auxiliar nossa análise.

De acordo com esses pressupostos, a mediação cultural seria para Lamizet

O imperativo social essencial da dialética entre o singular e o coletivo, e da sua representação em formas simbólicas. A sociedade pode existir apenas se cada um dos seus membros tem consciência de uma relação dialética necessária entre a sua própria existência e a existência da comunidade: é o sentido da mediação que constitui as formas culturais de pertença e de sociabilidade dando-lhes uma linguagem e dando-lhes as formas e os usos pelos quais os atores da sociabilidade apropriam-se dos objetos constitutivos da cultura que funda simbolicamente as estruturas políticas e institucionais do contrato social. (...) É no espaço público que

são levadas a efeito as formas da mediação, que trata-se do lugar no qual é possível tal dialetização das formas coletivas e as representações singulares. O espaço público é por definição o lugar da mediação cultural. (Lamizet, 1999, p.9).

Percebendo a produção de sentido e a recepção dos produtos de cultura, os mediadores têm a possibilidade de qualificar ou perceber o acervo de obras e objetos, dos quais irão se tornar visíveis, compreendidos e receptados, nesse sentido, o mediador participaria dialeticamente da circulação do sistema cultural. O mediador é o terceiro componente que admiti dispor questões favorecendo respostas relevantes aos usuários.

A mediação, definida sob esses parâmetros tem por missão:

Favorecer o encontro entre as obras e o público e trabalham, em parte ou totalmente, ao contato deste público. Numa biblioteca, num museu, numa sala de concerto ou numa galeria de arte, o mediador cultural trabalha sempre em cooperação com uma equipe. Do seu sentido do contato e suas competências pedagógicas depende o sucesso das ações que leva a cabo. (Lamizet, 1999. p.9).

É encargo das bibliotecas e dos museus, fomentarem o incremento intelectual, o resgate cultural assim como, atividades focadas no incentivo a leitura, vislumbrando a integração com os usuários e visitantes. De qualquer forma, sabe-se que sua atuação, seus serviços e atividades não estão restritos ao seu interior, devem extrapolar o seu espaço físico e também ser levada a toda comunidade em geral.

Os acervos das bibliotecas e museus, assim como a preservação desses espaços de informação, devem conter a possibilidade de que os profissionais da área de Ciência da Informação façam a intermediação da cultura e do patrimônio.

A Educação Patrimonial apresenta-se como a mais recente área em que o bibliotecário pode atuar, sendo que contempla o olhar questionador ao passado para que em seu resgate e compreensão sejam estabelecidos laços de pertinência entre aquele que 'vê' e aquilo que é 'visto'. Caracterizada pela inter-relação entre diferentes disciplinas, a Educação Patrimonial oferece ao bibliotecário identificado com as questões de memória e patrimônio histórico-cultural uma oportunidade de atuação profissional diferenciada da práxis biblioteconômica, mas ao mesmo tempo profundamente relacionada à mesma. (CARTER: 2004. p.34)

Contudo, os profissionais da informação possuem um amplo leque de opções para que possam fazer dos produtos e objetos do conhecimento, instrumentos disponíveis aos seus usuários, para esse fim os profissionais possuem os conceitos informacionais que vislumbram a noções de acesso e disseminação.

Mesmo que as metodologias das áreas de biblioteconomia e Museologia apresentem paradigmas diferentes, tem se em vista considerar que ambas comungam de um objeto

comum, descrito como informação, desta forma, podem trabalhar de maneira interdisciplinar para que o objetivo de preservação e acesso democrático dos bens culturais sejam análogos.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo principal realizar um estudo sobre a importância da Educação Patrimonial com ênfase na abordagem da mediação em bibliotecas e museus, bem como, a representação destes espaços para a formação cultural da sociedade.

Partindo de referências importantes das áreas da CI e da História Cultural, o trabalho buscou, não somente abordar a mediação em espaços museais e bibliotecas, mas também o acervo e a importância de preservação do mesmo para definição de paradigmas que levem profissionais do setor de informação e mediação a uma reflexão acerca da importância da sua atividade, pois, são agentes culturais de extrema importância na formação de opinião e também na formação educacional e cultural de um povo.

Alguns autores têm oferecido um suporte teórico para os usos da informação em museus assim como a comunicação que os usuários mantêm com os acervos. Goldman (1970, p.39) entende a informação como um fenômeno social capaz de provocar mudanças de uma “consciência real” para uma “consciência possível”, Segundo ele, mesmo que as informações advenham por uma cadeia de aparelhos e máquinas, há sempre no fim dessa cadeia, um ser humano que as recebe.

O usuário, porém não absorve qualquer coisa, de qualquer modo, desta forma, diversos fatores sociais, políticos, econômicos e culturais podem interferir no processo de absorção de conhecimento. Para Michel Menou (1995, p. 74), as “externalidades e internalidades influenciam no uso da informação no processo de solução de problemas e se consolidam na base interna do conhecimento que, por sua vez, é influenciada por fatores como personalidade, cultura, emoção, lógica, e inteligência e deve ser combinada com os recursos interiores do indivíduo”.

Se verificarmos os estudos sobre a cultura; podemos comprovar que essa é um organismo vivo, é formada por símbolos, significados e comportamentos das pessoas, mas pode viver para além da vida dos indivíduos que a possuem.

Desta forma, patrimônio cultural é a maior herança comum da nação, a sua conservação é de interesse geral, de toda a comunidade, por isso a mediação para o patrimônio é tão relevante na atualidade.

4 REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. Museu Valéry Prost. In: _____. **Prismas: crítica cultural e sociedade**. São Paulo: Ática, 1998.

BARBOSA, Ana. GALVÃO, Rejane. **Arte/educação como mediação cultural e social**. Rio de Janeiro. 2007

CARRASCO, Manoela. **O Museu nas Escolas**. Conferência proferida nas VII Jornadas sobre a Função Social do Museu do MINOM/ICOM. São João do Estoril, outubro/1994.
Mimeografada

CARTER, Karin Kreismann. Educação patrimonial e biblioteconomia: uma interação inadiável. . **Informação & Sociedade: estudos, João Pessoa**, v. 14, n. 2, p. 33-54, jul./dez. 2004

CHAGAS, Mário; SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. A vida social e política dos objetos de um museu. In: **Anais do Museu Histórico Nacional**, Rio de Janeiro, v.34, p. 195-220, 2002.

CHARTIER, Roger. A leitura: uma prática cultural. (Debate entre Roger Chartier e Pierre Bordieu). In: _____. (Org.). **Práticas de leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1997, 240p.

CHOAY, Françoise. **A Alegoria do patrimônio**. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

DIAS, Eduardo Wense. Biblioteconomia e ciência da informação: natureza e relações. **Perspectiva em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 5, n. especial, p. 67-80, jan./jun. 2000.

DUARTE, Ana. **Educação Patrimonial: guia para professores, educadores e monitores de museus e tempos livres**. Educação Hoje. Lisboa: Texto Editora, 1993.

FERNANDES, Geni Chaves. **O objeto de estudo da Ciência da Informação**. Revista Informare, RIO DE JANEIRO. v.1, n.1,1995

FREIRE, Paulo. **Ação Cultural para a Liberdade e outros escritos**. São Paulo: Paz e Terra, 10a ed., 2003, p.81.

GOLDMAN, Lucien. Importância do conceito de consciência possível para a comunicação. **Colóquios Filosóficos de Royamont. O conceito de informação na ciência contemporânea**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970, p.39

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. O objeto de estudo da Ciência da Informação: paradoxos e desafios. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 19, n. 2, n. 2, jul./dez 1990.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Ed. Centauro, 2004
São Carlos

HORTA, Maria de Lourdes P., GRUNBERG, Evelina, MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Guia Básico de Educação Patrimonial**. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Museu Imperial. 1999, p.6.

JAPIASSÚ, H.. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

LAMIZET, Bernard. **La médiation culturelle**. Paris: L'Harmattan, 1998.

LE COADIC, Yves-François. **A ciência da informação**. Brasília, DF: Briquet de Lemos/Livros, 1996.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 4.ed. Campinas:Unicamp, 1996

MENOU, Michel J. Trends in... a critical review. The impact of information – II. Concepts of information and its value. *Information Processing & Management*, v. 31, n.4, p.479-490, 1995. Apud PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro. **A Ciência da Informação entre a sombra e a luz: domínio epistemológico e campo interdisciplinar**. Orientador: Gilda Maria braga. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO, 1997. 278p. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura).

PERONTI, Rodrigo. **Memória e patrimônio cultural em ambientes virtuais**. 2007

PEIRCE, Charles Sanders. *Escritos coligidos*. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Coleção Os Pensadores).

_____. *Semiótica*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.

_____. *Semiótica e filosofia*. São Paulo: Cultrix, 1972.

PINO, A. (2005). **As marcas do humano** – as origens da constituição cultural da criança na perspectiva de Lev S. Vigotski. São Paulo: Cortez.

ROBREDO, JAIME; ASSOCIAÇÃO DOS BIBLIOTECARIOS DO DISTRITO FEDERAL. **Documentação de hoje e de amanhã**. Brasília: A.B.D.F., 1978. 171p.

SARACEVIC, Tefko. *Ciência da informação: origem, evolução e relações*. **Perspectiva em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 41-62, jan./jun. 1996

SOUZA, Willian Eduardo Righini, CRIPPA, Giulia. **A cidade como lugar de memória: mediações para a apropriação simbólica e o protagonismo cultural**. *Museologia e Patrimônio*, Rio de Janeiro, v.2, n.2, p.61-72, jul./dez. 2009.